

**THESES DOUTORAIS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. MEMÓRIA E
REGENERAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO SOTEROPOLITANO**

**THESES DOCTORAIS BAHIA OF MEDICAL SCHOOL. 'DRAWING' MODELING SOCIAL URBAN
SPACE**

Tânia Regina Braga Torreão de Sá

Mestrado em Geografia

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB)

Docente do Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

(DCHL/UESB)

taniatorreao68@hotmail.com

Lívia Diana Rocha Magalhães

Doutorado em Educação

lfelipe.unifei@gmail.com

RESUMO

Nesse artigo selecionamos 3 theses doutorais escritas pelos médicos da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). A saber: *Alguns traços da nossa população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista*, de autoria de Theotônio Martins de Almeida, escrita em 1899; *Influência da prostituição sobre a sociedade actual*, de autoria de Ângelo de Lima Godinho Santos, escrita em 1909; e *Da inconveniência da liberdade illimitada no exercício da prostituição*, de autoria de Antônio Joaquim de Sampaio, escrita em 1912. Nos documentos perscrutamos através do procedimento da análise de conteúdo, a possibilidade de diálogo das grandes metateorias que dominaram o século XIX, com o pensamento médico sobre Salvador. Dentro de um recorte temporal de 13 anos, foi possível localizar as produções supramencionadas dentro da Cadeira/Disciplina de Hygiene, cadeira/disciplina essa que conferiu uma identidade própria a Academia baiana, pois que, enquanto os médicos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FAMERJ), criada no mesmo ano que a FAMEB, buscavam sua originalidade na pesquisa das doenças tropicais, os médicos baianos farão o mesmo, só que partindo do entendimento que os cruzamentos raciais são o nosso grande mal, mas, ao mesmo tempo, nossa suprema diferença. Nesse artigo evidenciaremos alguns aspectos dessa interpretação.

Palavras-chave: Theses doutorais. Salvador. Civilização.

ABSTRACT

In this paper we selected 3 doctoral theses written by doctors of the Faculty of Medicine of Bahia (FAMEB). Namely: *Some features of our population under the hygienic view and evolutionist*, authored Theotônio Martins de Almeida, written in 1899; *Influence of prostitution on the current society*, by Angelo Lima Godinho Santos, written in 1909; and *The inconvenience of illimitad freedom in the exercise of prostitution*, authored by Antonio Joaquim Sampaio, written in 1912. In scrutinize documents through content analysis procedure, the possibility of large metatheories dialogue that dominated the nineteenth century with the thought doctor about Salvador. Within a time frame of 13 years, it was possible to locate the above productions within the Chair / Department of Hygiene, chair / discipline this that gave an identity to Bahia Academy because, while doctors from the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro (FAMERJ), created the same year as the FAMEB, sought his originality in the research of tropical diseases, bahians doctors will do the same,

Recebido em: 20/02/2015

Aceito para publicação em: 12/09/2016

only starting from the understanding that racial crossings are our great evil, but at the same time, our supreme difference. In this article evidenciared some aspects of that interpretation.

Keywords: Doctoral Theses. Salvador. Civilization.

INTRODUÇÃO

Para começar, iniciaremos pela definição do termo these doutoral. Tecnicamente o termo these doutoral não é aplicado no mesmo sentido que acionamos hoje, na academia. These Doutoral, tal qual os cientistas baianos a designam no século XIX até meados do século XX, refere-se a uma espécie de trabalho monográfico que era defendido no final do Curso de *Sciências Médico Cirúrgicas*.

Uma outra diferença importante reside no fato da exigência do acadêmico em *Sciências Médico Cirúrgicas* enunciar uma "ideia nova" – a these – para cada uma das cadeiras/disciplinas que compunham o curso, porém, sem assumir enquanto obrigatória, a necessidade de desenvolvê-las.

As theses doutorais se limitavam a apresentação de um enunciado novo e só isso. As theses doutorais, portanto, em termos de um 'desenho', se definem pelas especificidades apontadas acima mas, evidentemente elas não se caracterizam somente por esses aspectos.

Sob o ponto de vista da análise, as theses doutorais aparecem enquanto documentos, produto das determinações históricas da época, da sociedade que as produziram. Do modo como as percebemos elas funcionam enquanto "recursos de memória" (MONTESPERELLI, 2004) que resultam do esforço dos cientistas médicos da FAMEB para impor ao futuro, uma imagem determinada da cidade do Salvador de meados do século XIX e início do século XX. O que elas apresentam, nessa perspectiva, são 'quadros de época', não somente do ponto de vista historiográfico, mas, espacial, político, econômico e, sobretudo, ideológico, que nos permite expor as polarizações dinâmicas que orientaram os comportamentos coletivos dos agentes cientificistas, responsáveis por tentar impor um padrão civilizatório novo para a 'cidade da Baía' colonial, a Salvador de meados do século XIX e início do século XX.

No subtópico a seguir, 3 desses documentos serão descritos:

DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS

ALGUNS TRAÇOS DA NOSSA POPULAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA HYGIENICO E EVOLUCIONISTA (1899)

A these doutoral intitulada *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista*, de autoria de Deodoro Álvares Soares, foi defendida em 30 de outubro de 1899, na até então chamada Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia². Possui capa; contracapa; apresentação dos lentes catedráticos³ da 1ª a 12ª sessões: lentes catedráticos, seus substitutos e matérias que lecionam; introdução; 83 páginas numeradas de texto, divididas em 4 capítulos, intitulados: Capítulo I – *Delineamentos étnicos e antropológicos*; Capítulo II – *Influências do clima, Epidemias*; Capítulo III – *Os defeitos da alimentação, Alcoolismo* e o Capítulo IV – *Os mestiços e a degeneração*, além de um apêndice que contém as chamadas *Proposições de These*, 3 para cada uma das cadeiras do curso de ciências médico-cirúrgicas. Quais sejam: Phisica Médica; Química Inorgânica Médica; Química Orgânica e Biológica; Química Analytica e Toxicologia; Botânica e Zoologia Médicas; Matéria Médica e Pharmacológica; Anatomia Descriptivas; Histologia; Physiologia; Pathologia Geral; Anatomia Pathológica; Pathologia Médica; Pathologia Cirúrgica; Therapeútica; Clínica Médica I e II; Clínica Cirúrgica (1ª e 2ª Cadeiras); Clínica Cirúrgica (1ª Cadeira); Clínica Dermatologica e Syphiligraphica; Hygiene e Medicina Legal.

² As denominações que a FAMEB teve foram Escola de Cirurgia da Bahia (1808); Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (1816); Faculdade de Medicina da Bahia (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (1891); Faculdade de Medicina da Bahia (1901); Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia (1946); Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1965)

³ Professores.

Numa pequena introdução intitulada *Uma explicação*, o autor reconhece ser bastante 'melindroso' o assunto do seu trabalho, a definição de alguns traços da população soteropolitana sob o ponto de vista higiênico e evolucionista, pois, segundo o que acredita, a marcha evolutiva do povo soteropolitano, baiano e brasileiro rumo ao embranquecimento, tende ainda muito dificultosa e lentamente para a unidade antropológica definida que conduzirá "[...] a um agrupamento étnico são e digno de um futuro mais animador [...]" (SOARES, 1899, II).

No *Capítulo I – Delineamentos étnicos e antropológicos*, com 21 páginas de texto escrito, Soares (1899, p.2) destaca o que compreende ser, o papel imparcial da ciência no desvendamento do que classifica como "[...] arcanos opulentos do nosso passado pré-histórico [...]", isso é, critica a compreensão de mundo guiada pela visão religiosa.

Na perspectiva de destacar os progressos científicos, ele cita o geólogo Charles Lyell (1897 - 1875), a quem se deve a concepção de agregação dos terrenos por via da evolução progressiva. Também cita Jean Baptiste de Lamarck (1744 - 1829) e, especialmente, Charles Darwin (1809 – 1882), pelo trabalho *A origem das espécies* (1859) como exemplos de pesquisadores que, pela inovação de suas ideias, poderiam conduzir a sociedade rumo ao desenvolvimento.

Soares (1899, p.2) também menciona Ernst Haeckel (1834 - 1919) pela proeminência da lei de adaptação direta e indireta (Lei da Recapitulação) e por este fornecer a "[...] chave de ouro das transformações que se seguiram no mundo biológico, através do tempo e do espaço [...]" (SOARES, 1899, p.2). Cita para tanto, os estudos de paleontologia, embriologia e anatomia comparadas, desenvolvidos pelo mesmo, que forneceram uma síntese das manifestações morfológicas vitais, consideradas por um conjunto de seres organizados, isto servindo como argumento para introduzir a questão da miscigenação racial brasileira, baiana e especialmente, soteropolitana.

No que tange ao problema das migrações e cruzamentos entre os diferentes grupos, ele reconhece o fato de não se poder mais falar de "raças puras", mas, sim de uma "[...] completa confusão [...]" (SOARES, 1899, p.4), que instiga a formação das raças mestiças. Para defender o seu argumento sobre o que considera nocivo ao desenvolvimento da sociedade – isto é a miscigenação racial –, o autor expõe a visão de Armand de Quatrefages (1810 - 1892), que explica os fatores que levaram ao processo de miscigenação racial de todos os povos. Na elucidação dada por De Quatrefages, a partir de uma só espécie, houve uma justaposição dos caracteres do indivíduo de diferentes distâncias antropológicas, que resultou numa sucessão ininterrupta de aparecimento de famílias mestiças, todas elas carentes em vitalidade, em sua impressão.

Sobre os aryo-africanos, Soares diz, inclusive, que tem a vida mais curta que qualquer uma das outras raças. Também amparando-se nas teses de Félix Pouchet (1880 - 1872), o autor concorda que os mestiços africanos e povos do norte da Europa possuem "[...] qualidades inferiores [...]" (SOARES, 1899, p.5), em vista do fato de, quando esses se fixaram nesses territórios, haverem se miscigenado mais, graças aos trânsitos intercontinentais. Acerca dos zambos, que Soares considera inferiores tanto com relação aos negros quanto aos índios de Lima, Peru, diz que se constituem na "[...] pior classe de cidadãos [...]" (SOARES, 1899, p.5), por fazerem do cárcere "[...] o seu domicílio seguro [...]" (SOARES, 1899, p.5). No que diz respeito aos mestiços da Ilha de Java, diz que estacionaram na terceira geração e que se transformaram numa classe "abastardada" por conta dos cruzamentos que realizaram com os espanhóis e os americanos.

Demonstrando uma compreensão bastante fatalista acerca do inevitável cruzamento das raças, o autor reconhece a prolificidade dos mestiços para a procriação e geração de "[...] produtos perfeitos [...]" (SOARES, 1899, p.6), desde que sejam observadas na "fabricação destes produtos", as condições do meio ambiente. Citando mais uma vez Darwin, estribado nas ideias de Paul Broca (1824 – 1880), Louis Agassiz (1807 – 1873) e Artur de Gobineau (1816 – 1882), ele alega serem as raças mestiças irregularmente degradadas e intermediárias, daí acreditar que o processo de miscigenação racial pode levar a dois caminhos: de um lado, crê numa espécie de processo de regressão que pode conduzir até mesmo a extinção desta raça, e do outro acredita em um progresso irreversível que também poderá conduzir ao surgimento de uma nova raça.

Na perspectiva de apresentar as raças que compõem o povo brasileiro, em finais do século XIX, Soares adota a classificação de Sílvio Romero (1851 - 1914) para quem este povo compunha-se de brancos arianos, índios guaranys, negros do grupo *bantu* e mestiços que se originaram do cruzamento entre estas três raças. Segundo Romero (1894), aliás, os mestiços certamente compõem metade da população. Quanto aos outros grupos, isto é, brancos arianos, índios guaranys e negros do grupo bantu, ele acredita que tenderão a desaparecer num futuro muito próximo, consumidos que

estão pela luta que se desenvolve internamente dentro deles.

Investindo nas explicações sobre o provável desaparecimento das raças indígenas, Soares ainda realiza uma extensa explicação sobre as razões fundantes deste processo. Segundo as suas palavras “[...] os aborígenes, n’um estado social inferior...prendem-se inevitavelmente ao homem pré-histórico [...]” (SOARES, 1899, p.12), de quem se deve estudar apenas as capacidades físicas, intelectuais e morais. Conclui, por isto mesmo que o aniquilamento destes povos deveu-se a sua inferioridade intelectual, bem como, a sua incapacidade de se civilizar, que surge como consequência de uma parca compleição estrutural da sua organização física.

No que diz respeito aos portugueses brancos, Soares julga-os por sua variadíssima, porém “harmônica” mescla de elementos étnicos, que se salientaram na formação de nosso povo. Uma raça que é composta por iberos, celtas, celtiberos, egypcios, berberes, mosarabes, romanos, sarracenos e mesmo franceses.

Sem deixar de reconhecer a existência de um intenso movimento migratório entre o continente africano e europeu, o médico argumenta que este último espaço, pelo sangue de seus descendentes, pela sua civilização, suas ideias, suas crenças e suas tradições, sobrepujou as influências do continente africano, até porque, tratavam-se de povos mais atrasados e tendentes ao desaparecimento, pelos horrores provocados pela escravidão, trabalhos forçados, a má e insuficiente alimentação e péssimas condições de higiene em que vivem. Tudo isto, somando-se, provocou o que o autor acredita ser um processo de submissão, nostalgia e dependência, que retira dos homens e mulheres negros e negras o seu sentido de alteridade.

Acerca desse elemento de subordinação, Soares diz o seguinte:

Muito se tem dito e escripto sobre o africano, atrazado em civilização, exíguo e impotente nas suas manifestações intellectuais, attento ao infantilismo de seo cérebro em seo minguado desenvolvimento estrutural. A sua inapitidão ao aperfeiçoamento...é uma questão que tem preocupado vários auctores e sobre a qual se entrechocam opiniões e explicações diversamente interpretadas. Invoca-se para explicar o facto, a precocidade da synostose craneana que acarreta um limite physiologico ao aperfeiçoamento intellectual inferior e um obstáculo considerável ao progresso intellectual. O espírito imitativo e a instinctividade desenfreada na satisfação das necessidades materiaes são as únicas manifestações phychicas, no dizer de alguns, reveladas pelo negro d’África (SOARES, 1899, p.19-20).

Exceção se faça aos negros livres, que na opinião de Antoine Mondière “[...] são susceptíveis de possuir um sentimento profundo do justo, uma grande facilidade em aprender enquanto está moço e uma grande tendência à perfectibilidade [...]” (1876 apud SOARES, 1899, p.20). Seja como for, na análise que Soares faz “[...] a raça africana estacionou e involue [...]” (SOARES, 1899, p.20).

No intuito de explicar, pois, as pretensas razões da parada do desenvolvimento desta raça, as teses de Christophe Corre (1880 - 1866) auxiliam o trabalho de Soares. Para Corre o clima potencializa o aparecimento de várias moléstias. Some-se a isto a miséria, a falta de higiene, a preguiça, o alcoolismo e as uniões sexuais que desconhecem limites como contribuições de indubitável importância para a degeneração da raça negra. Falando diretamente dos negros brasileiros, o autor pontua a clareza de sua inteligência, sua vivacidade, sua energia e sua beleza física como sinais que dão indícios de sua capacidade de adaptação ao meio civilizado.

São dessas fontes que Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906) bebe para fundar as suas teses raciológicas. Classificados enquanto grosseiros e supersticiosos na maioria dos casos, os negros são acusados da prática fetichista “[...] de crenças absurdas, embora únicas, compatíveis, consoante um funcionalismo reduzido, com o estreito perímetro de sua actividade cerebral [...]” (SOARES, 1899, p.24-25). De acordo com Nina Rodrigues, inclusive:

A persistência do fetichismo africano...como expressão do sentimento religioso dos negros bahianos e seus mestiços, é facto vez que as exterioridades de culto cathólico aparentemente adoptado por elles, não conseguiram disfarçar nem nas associações hybridas...nem as práticas genuínas da feitiçaria africana, que ao lado do culto christão por ahi vegeta exuberante e valida... (NINA RODRIGUES, 2006, p. 122).

Após esboçar as características das 3 raças, Soares menciona o fato da sua distribuição ocorrer de forma desigual no território brasileiro, colocando em escala sempre progressiva a evolução das raças mestiçadas. Adotando também as denominações criadas por Nina Rodrigues, ele assim define as características do povo mestiço.

1. Os *mulatos*, que são os produtos do cruzamento entre os brancos e os negros, constituem-se no grupo mais numeroso da população de Salvador. Estes grupos são divididos em: a) *mulatos dos primeiros sangues*; b) *mulatos claros*, que ameaçam absorver as raças brancas como um todo; c) *mulatos escuros*, os chamados *cabras*, que se constituem no produto do retorno à raça negra que são confundidos com os *negros crioulos*.
2. Os *mamelucos* ou *caboclos*, que constituem-se no produto do cruzamento do branco com o índio e que na Bahia são divididos em 2 grupos: os *mamelucos* que se aproximavam e se confundiam com as pessoas da raça branca e os mestiços dos primeiros sangues, cada vez mais raros no contingente populacional da cidade do Salvador;
3. Os *curibocas* ou *cafuzos* que são produtos do cruzamento do negro com o índio.
4. Os *pardos*, que constituem-se no produto do cruzamento das três raças, sendo provenientes, principalmente, do cruzamento dos mulatos com os índios, ou com mamelucos caboclos.

Em todas estas definições, ressalta-se a esperança das raças voltarem ao tipo ancestral, divergindo do tipo misto, originário da miscigenação.

Abordando o tema da capacidade intelectual dos mestiços o médico destaca-a, conquanto, reconheça que:

Elevar porém à altura de um postulado minimamente recommendavel e seguro essa superioridade intellectual, é fazer coro com esses megalômanos que fecham os olhos as lacunas de origem, que a herança patenteia, e esquecem a sua condição de seres humanos que evoluem para uma phase superior, em percorrendo a mesma vereda que os mais cultos e civilizados de hoje trilharem em bem longos séculos (SOARES, 1899, p.30).

Em regra, sobre o povo mestiço brasileiro, ele diz o seguinte:

O brasileiro é um ser desequilibrado, ferido nas fontes da vida; mais apto para quiexar-se de que para 'inventar' mais contemplativo do que pensador; mais lirista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que ideias científicas e demonstradas (SOARES, 1899, p.30).

Os mestiços ainda são descritos por Soares como um povo que não tem filosofia e nem ciência, e que se entrega com facilidade ao “[...] palavreado da carolice e a mística ridícula do beateiro enfermo e fanático [...]” (SOARES, 1899 p.31). Exceção se faça, contudo, aos paulistas brancos, nascidos na outrora capitania de São Vicente e São Paulo, principalmente, por conta do processo de colonização que se inicia deste o século XVII.

Já encaminhando as suas considerações finais do *Capítulo 01 - Delineamentos étnicos e antropológicos*, portanto, Soares exprime uma crença que era muito comum na época e fala da tendência de regeneração das raças miscigenadas, conquanto, deste processo de regeneração seja subtraída a vida supra orgânica do “[...] povo selvagem [...]” (SOARES, 1899, p.33). E na perspectiva de consubstanciar os seus argumentos sobre o processo de regeneração das raças, o autor contrapõe pela primeira vez as opiniões de Romero a de Nina Rodrigues, argumentado que Romero não tem razão ao afirmar que o povo ariano prevalecerá. Para Nina Rodrigues, tanto quanto para Soares prevalecerá o povo luso-africano, que compõem a maioria da população baiana. Segundo ele, inclusive:

Não é pela influência climatérica e posição geográfica da cidade do Salvador que se deve explicar tão rápida metamorphose, porquanto se observa na evolução de uma família a extinção completa dos sigaes ethiopicos em prazo muito limitado. O segredo das variações está no desejo intimo que tem o mulato de tornar-se branco (SOARES, 1899, p.38).

No *Capítulo II – Influências do clima, Epidemias*, com 10 páginas de texto escritas, Soares destaca a ação do meio sobre os indivíduos, evidenciando o papel que o clima exerce sobre o dinamismo biológico dos mesmos. Em sua opinião, os seres humanos estão de tal modo subordinados as ações deste elemento, que até mesmo os “[...] proventos ou infortúnios adquiridos por uma raça ou por um povo dado, hão de se configurar sempre como producto do seo *habitat* [...]” (SOARES, 1899, p.46). O brasileiro se constituindo em um exemplo disto.

Soares prossegue discutindo a insipiência das produções sobre o clima no Brasil e credita a iniciativa de alguns viajantes estrangeiros o mérito de realizaram as primeiras produções sobre o assunto, conquanto admita que mesmo estas poucas produções estejam incompletas por medirem apenas a temperatura. Logo após isto, ele realiza uma extensa definição das condições físicas do Brasil, amparando-se nas tipologias climáticas criadas por Romero.

Romero, em quem Soares se inspira para criar essa tipologia climática, reconhece 3 zonas no Brasil: uma quente, que vem do norte e chega pelo trópico de capricórnio e uma “fresca” aonde estão incluídas a região subtropical e os platôs elevados que a avizinham. Algures, pode-se dizer que o país se divide em uma zona tropical, outra subtropical e uma terceira zona denominada “[...] temperada doce [...]” (SOARES, 1899, p.47), aonde o calor e a umidade se associam para promover o “[...] embaraço da evaporação cutânea e pulmonar [...]” (SOARES, 1899, p.52), produzindo como resultado, perturbações funcionais da pele e dificuldades respiratórias.

Associando a ação deletéria do calor com o que chama de “[...] exageros do trabalho [...]” (SOARES, 1899, p.52), Soares crê ainda que, no aparecimento de uma fadiga precoce, impeditiva dos ideais de desenvolvimento. Adotando, pois, as apreciações que Herbert Spencer (1820 - 1903) faz sobre o assunto, diz o seguinte:

Todo mundo sabe, que a grande secura do ar que endurece a superfície do solo e empobrece a vegetação, oppõe-se á multiplicação sem a qual uma vida social avançada não saberia produzir-se. Porém, o que mais se sabe também, é que a extrema humidade, sobretudo combinada com um grande calor, pode oppor ao progresso obstáculos inesperados (SOARES, 1899, p.53).

Encaminhando as suas considerações finais no *Capítulo II – Influências do clima, Epidemias*, Soares discute ainda as razões indutivas e dedutivas que fazem crer que as funções do corpo se achem facilitadas pelas condições atmosféricas. Comparando, pois, as regiões temperadas e tropicais, defende que as mudanças na umidade atmosférica, pelo ar carregado de vapor d’água, elevam-se ao contato com o corpo. A uma razão de um para um, diz que tal evaporação depende totalmente da quantidade de vapor d’água presente na atmosfera.

No *Capítulo III – Os defeitos da alimentação, Alcoolismo*, com 6 páginas, Soares destaca o papel da alimentação no dinamismo vital dos seres humanos e, nesta perspectiva, define os alimentos enquanto substâncias capazes de substituir os produtos de assimilação que asseguram a atividade fisiológica dos fenômenos vitais. Para o autor, pois “[...] o dynamismo vital é obra da nutrição [...]” (SOARES, 1899, p.64), sendo que o seu antagonista – isto é, a falta de alimentos de fácil digestibilidade –, traz como consequência a depreciação orgânica e o abatimento da energia. Ainda de acordo com Soares, os alimentos, para serem saudáveis, devem encerrar princípios nutritivos suficientes para prover a ausência de minerais que tomaram parte do processo de reparação histórica ou que foram eliminados pelos diversos processos emunctórios como substâncias excrementicias.

Na interpretação de Soares também, a maneira como os homens se nutrem atualmente, é uma conquista da sua evolução através dos tempos, daí acreditar que “[...] o selvagem ingere alimentos de mais fácil aquisição sem cuidar de sua nutribilidade [...]” (SOARES, 1899, p.67). Para ele, enquanto o homem civilizado faz uma seleção inteligente dos seus alimentos, selecionado o que come e observando a procedência dos alimentos, “homem selvagem” nutre-se ao seu 'bel prazer'.

Na perspectiva de explicar porque o povo brasileiro nutre-se deficientemente, Soares cria uma divisão de formas alimentares territorializadas, que se manifestam de acordo com as regiões do país. No norte, segundo ele, a base alimentar mais utilizada é a farinha preparada com raiz de mandioca. Já os cereais, como o arroz, o feijão e o milho são mais incomuns. Também a carne de vaca, por conta do abastecimento precário, é pouco consumida, sendo substituída pela carne de porco, pelos produtos da pesca e carnes de charque.

Acerca do consumo excessivo da farinha de mandioca, diz que este alimento não preenche os requisitos necessários a boa alimentação, porque provoca o aumento extraordinariamente excessivo do conteúdo estomacal, que não é dissolvido inteiramente pelas fermentações gástricas. Sobre este aspecto, recomenda que haja a sua substituição pelos legumes e pelos cereais, como o milho, o feijão e o arroz.

Sobre o regime vegetariano, Soares critica-o por não fornecerem vitalidade aos tecidos. Já em relação à carne consumida em Salvador, ele destaca o fato dele vir de lugares muito distantes da capital, ao mesmo tempo em que também prescreve que seu cozimento deve ser bem feito, para combater a contaminação por germes patogênicos. Sobre o peixe, frequentemente consumido pelos habitantes do centro de Salvador, o autor destaca o que classifica como o baixo valor nutritivo deste alimento.

Dando continuidade a sua avaliação sobre o valor nutritivo de alguns elementos, Soares evidencia o que, em sua impressão, soa como abuso na utilização dos alimentos: os excessos na utilização dos condimentos. Para ele, o clima, entorpecendo a função digestiva, demanda a utilização destes condimentos. Contudo, o problema situa-se em seu abuso, vez que tal utilização provoca irritações permanentes e perturbações agudas do aparelho gastro intestinal, que vem sempre acompanhadas de uma agudíssima excitabilidade nervosa.

No que diz respeito ao emprego do álcool, Soares classifica-o como “[...] veneno social [...]” (SOARES, 1899, p.71), que é utilizado em proporções assustadoras porque tais produtos são adquiridos a preços módicos. Queixando-se contra a escassez dos trabalhos sobre os efeitos nocivos do álcool no organismo, esse autor evidencia que tais efeitos propagam-se à descendência sob formas variadas.

Já sobre os vinhos, cita especialmente os de má qualidade, que são alterados pelos exportadores. Sobre a aguardente de cana de açúcar, mesmo reconhecendo o que classifica como sua baixa nocividade, ele não se isenta de destacar que a “[...] miséria vê nella um anestesico à sensação da fome, um meio prophylatico desarrazoado e funestamente posto em pratica contra o paludismo [...]” (SOARES, 1899, p.72), de tal modo que não se pode negar os seus vínculos com a etiologia da tuberculose, da sífilis e das alterações gastro hepáticas.

Abraçando a classificação criada por outros autores, Soares diz que os alcoólatras estão divididos em 4 grupos distintos. Quais sejam: neste primeiro grupo, enquadram-se todos os indivíduos que percorreram as fases da intoxicação alcoólica e sucumbiram a fase aguda da doença, entrando num estágio de paralisia e marasmo que repercutem “[...] na perda completa da inteligência [...]” (SOARES, 1899, p.73). O segundo grupo, agrega uma categoria numerosa de alcoolizados que estão isolados nos asilos e são classificados como perigosos, por apresentarem comprometimento de ordem física e intelectual; o terceiro grupo é composto por descendentes de alcoólatras que, por sua vez se dividem em duas classes distintas: os primeiros sofrem uma parada congênita do desenvolvimento de tal modo que nascem imbecis ou idiotas. Já os segundos, experimentam lapsos de memória constantes e restrições intelectivas graves. Por fim, o quarto grupo, é composto por indivíduos que foram afetados pela dupla influência das moléstias incidentes e herança.

No sentido de oferecer combate ao mal que representa o uso do álcool, Soares prescreve a criação de asilos para os alcoólatras, a criação de sociedades de temperança, de associações infantis de abstinência, de restaurantes e cafés aonde são banidas todas as bebidas. O aumento dos impostos sobre a bebida também, aparece como sugestão para o controle do uso do álcool.

No *Capítulo IV – Os mestiços e a degeneração*, com 4 páginas, Soares inicia o seu texto lançando uma intrigante pergunta aos seus leitores, que vai sendo respondida no decorrer da explicação que se desenvolve. Qual seja: “[...] Os mestiços brasileiros são degenerados? [...]?” (SOARES, 1899, p.77). Soares constrói os seus argumentos respondendo positivamente a essa questão.

Recorrendo aos estudos de Benedict August Morel (1809 - 1873), que toma como base para suas análises sobre degenerescência, o “tipo primitivo”, mormente aqueles localizados nos trópicos,

Soares revela que os mestiços apresentam modalidades psicológicas e físicas que acabam por revelar um cunho particular de anormalidade progressiva e hereditária, que só não se mostra mais nociva porque:

[...] a existência dos seres degenerados e necessariamente limitada, e, coisa maravilhosa, não é sempre necessário que chegam ao último grão da degradação para que fiquem marcados de sterilitade e conseqüentemente capazes de transmitir o typo de sua degeneração [...] (SOARES, 1899, p.78).

Neste ponto de seu trabalho, Soares descreve o conceito de degeneração que aparece sempre associado a estigmas, impulsões, obsessões e fobias que patenteiam o desequilíbrio da organização psíquica imaginada pelo autor. Segundo Morel, o termo degenerescência designa “[...] o estado mórbido de um individuo cujas funções cerebraes acusam um estado de imperfeição notória se se compara com o estado cerebral dos typos geradores [...]” (1857 apud SOARES, 1899, p.78). Já Marcel Sergi (1802 - 1867) chama de degenerados “[...] todos os seres humanos que, apesar de sobreviverem na lueta pela existência, são fracos e trazem signaes mais ou menos manifestadamente deste enfraquecimento, tanto em sua forma physica, quanto no modo de agir [...]” (1832 apud SOARES, 1899, p.78).

Também citado por Soares, Claude Dallemagne (1754 - 1813) elenca um grande número de causas da degeneração, ligando-as exclusivamente ao meio. O meio físico, social, as disposições hereditárias e constitucionais entram diferenciadamente nesta classificação etiológica. Segundo o que acredita, razões como a aclimação das zonas quentes, a escravidão, os hábitos de vida das pessoas menos desenvolvidas, enfim, as condições de existência das classes inferiores e “[...] quebrantadas pelo sol dos trópicos [...]” (SOARES, 1899, p.79) tem sido invocadas como justificativas para o atraso e a inaptidão do progresso.

Demonstrando a sua esperança quanto ao futuro, no contanto, Soares conclui a sua these doutoral defendendo que a mistura de raças “sãs” com os tipos de raças “degradadas” progressivamente, em circunstâncias especiais, pode ser regenerada, a ação do meio social, sendo fundamental neste processo de regeneração. Em sua análise “[...] se não se oppuzer um paradeiro às suas influências depressoras da energia vital, que a tornam imprópria para sustentar a concorrência vital...a civilização, a obra mais grandiosa da evolução na humanidade [...]” (SOARES, 1899, p.84), a sociedade, toda ela, estará condenada a se tornar mestiça, o que precipitará a sua extinção.

INFLUÊNCIA DA PROSTITUIÇÃO SOBRE A SOCIEDADE ACTUAL (1909)

A these doutoral intitulada *Influência da prostituição sobre a sociedade actual*, de autoria de Ângelo de Lima Godinho Santos, foi defendida em 30 de outubro de 1909 na até então chamada Faculdade de Medicina da Bahia. Possui capa; contracapa; apresentação dos lentes catedráticos da 1ª a 12ª sessões: lentes catedráticos e seus substitutos; prólogo; contracapa; 43 páginas numeradas de texto, divididas em 4 capítulos, intitulados: *Capítulo I – Ligeiras considerações sobre a prostituição e estudo das suas principais causas; Capítulo II – Consequências da existência da prostituição e estudo crítico da regulamentação e Capítulo III – Medidas que se devem tomar contra a prostituição*, além de um apêndice que contém as chamadas *Proposições de These*, 3 sobre cada uma das cadeiras do curso de ciências médico-cirúrgicas. Quais sejam: Anatomia Descritiva; Histologia; Bacteriologia; Anatomia e Physiologia Pathológicas; Physiologia; Therapêutica; Medicina Legal e Toxicologia; Hygiene; Pathologia Cirúrgica; Operações e Apparelhos; Clínica Cirúrgica (1ª e 2ª Cadeiras); Pathologia Interna; Clínica Propedêutica; Chimica Médica; História Natural; Matéria Médica, Pharmacológica e Arte de Formular; Clínica Médica (1ª e 2ª Cadeiras); Obstetrícia; Clínica Obstétrica e Gynecológica; Clínica Pediátrica Clínica Ophtalmológica; Clínica Dermatológica e Syphiligraphica.

No *Prólogo* o autor dá início a sua argumentação queixando-se contra a sociedade atual, em sua impressão, deveras permissiva. O desejo que o autor expressa é, pois:

[...] fazer com que se leve em consideração o bem estar do povo, o futuro da nossa geração, que incontestavelmente são problemas sociaes de máxima importância, despertando do somno lethárgico em que parecem mergulhados aquelles que,

ligando máxima importância a futilidades se esquecem no entanto das cousas mais necessárias [...] (SANTOS, 1909, p.2).

E o que parece necessário para Santos é esboçar o problema social da prostituição, analisando as suas causas, comentando as consequências da sua existência e aconselhando, finalmente, os meios que se podem levar em consideração, senão, para exterminá-la, mas para, diminuir a sua intensidade.

No *Capítulo I – Ligeiras considerações sobre a prostituição e estudo das suas principais causas*, as palavras iniciais do autor se constituem em indícios de sua intenção de 'romper preconceitos', por ele mesmo reconhecido como hipócritas, para tratar do tema da prostituição “[...] um flagello, um cancro social de funesta influência que se exerce na espécie humana, degenerando-a physica e moralmente [...]” (SANTOS, 1909, p.2). Sob este ponto de vista, a prática prostitucional é apresentada como um dos efeitos da fragilidade humana, comum em todas as sociedades, desde a Grécia e Roma.

Dando prosseguimento a discussão, Santos se questiona sobre o inatismo da “maldade” das prostitutas”, concluindo pela sua absolvição. Segundo o que acredita, quem deve ser responsabilizado pela ignomínia que a prostituição representa são os que exploram as misérias; a sociedade desorganizada, que não leva em consideração o direito dos pobres e o governo, que não procura melhorar a vida do proletariado, proporcionando-lhes meios para assegurar a sua sobrevivência.

Creditando a miséria, a falta de educação, e, finalmente, a falta de justiça como elementos que concorrem extraordinariamente para a existência da prostituição, o autor prossegue listando as condições que, em sua impressão, forjam o aparecimento de tal prática. Para ele, “[...] a mulher que um dia foi 'honrada' e que teve uma vida exemplar, por colocar a sua honra e dignidade acima de qualquer coisa, se prostitui por 3 razões: para acalmar a fome dos filhos; por solidão e porque em algumas circunstâncias é obrigada a ser o arrimo da família [...]” (SANTOS, 1909, p.2). Sob estas circunstâncias, pois, a sociedade e os governos que não procurarem remediar a situação destas mulheres, serão vistos como os responsáveis pela prostituição.

Conquanto não deixe de admitir que as mulheres ricas também se prostituam, Santos afirma que não vale a pena argumentar a respeito disto, primeiro porque o número de prostituídas nas classes mais abastadas é inexpressivo e depois, porque a prostituição que decorre das mulheres desta classe, para Santos são produtos de patogenias como a histeria, ninfomania e hiperestésias sexuais. O alcoolismo e a epilepsia, também são elencadas como razões primárias que favorecem a prostituição das mulheres ricas.

Paradoxalmente, investindo na identificação das causas da prostituição, Santos articula uma tese que investe na explicação das razões pelas quais a mulher, seja ela rica ou pobre, se prostitui. Para ele, isto se explica porque “[...] o cérebro da mulher é muito menos plástico que o do homem, tornando-se por isto mais facilmente escravo do hábito [...]” (SANTOS, 1909, p.2). Dá continuidade a defesa do seu ponto de vista aventando hipóteses sobre os efeitos positivos que a educação pode produzir no abortamento do propósito da mulher se tornar prostituta e, por conta disto, deixa claro a sua visão fatalista sobre o meio ambiente. Segundo ele: “[...] Si, portanto, uma mulher for desde sua infância educada num meio pervertido, torna-se impossível, é claro, conduzi-la mais tarde a uma vida honesta, ao cumprimento dos deveres sociais [...]” (SANTOS, 1909, p.11).

Santos se queixa ainda contra a falta de repressão, produto da ausência de leis, que controlem o exercício da atividade prostitucional. Diz para tanto, que “[...] a única culpada e sobre quem deve recair toda a censura é a justiça pública, que cega muitas vezes por conveniências torpes, não obriga esses miseráveis seductores a reparar as faltas commettidas [...]” (SANTOS, 1909, p.12).

No *Capítulo II – Consequências da existência da prostituição e estudo crítico da regulamentação*, o autor introduz a discussão citando Jean Jacques Barthelemy (1716 – 1795) e Cesare Lombroso (1835 – 1909) que consideram a prostituição como “mal necessário”, produto da miséria, da deficiência econômica e efeito da nossa desorganização social. Ainda persistindo em sua obstinação por identificar culpados, tal qual procedeu no Capítulo I, Santos critica a apatia dos jovens que não reagem contra essa desorganização social, creditando às famílias a responsabilidade pela condução dos destinos dos seus filhos. Fala, outrossim, da valorização de instituições como o casamento, argumentando que, somente por esta via, a juventude terá condições de constituir-se sã física e moralmente.

Traçando uma linha direta entre a sífilis e a prostituição, o autor discute ainda os efeitos da doença venéreas sobre a sociedade e família, posicionando-as enquanto enfermidades mais terríveis da nossa sociedade. Na opinião do autor, pois, os danos provocados pela sífilis são, sem comparação, superiores aos ocasionados pelas epidemias que, de vez em quando, assaltam a cidade do Salvador, atacando velhos, enfermos, seres débeis e inúteis à sociedade.

É no intuito de chamar atenção para os danos que a sífilis provoca que Santos reproduz o depoimento de uma prostituta, cujo nome não é identificado pelo autor.

Assim como me vedes, diz ella, não sois capaz de imaginar que já fui moça e bonita; tive no meu semblante, não essa palidez cadáverica que aterroriza e repugna, mas a bella cor dos jasmims; ornava a minha fronte, não esta coroa de manchas que me vedes, mas uma coroa de flores; tive implantada n'esta cabeça, hoje tão horrível, a mais linda cabeleira que se pode imaginar; e, vez d'esta cicatriz horrível que me trnsformava o semblante, esculptural nariz me embellezava o rosto; que esses olhos que aterrorizam a quem de mim se aproxima, eram o imã que para mim attrahia todos que me viam; que esta bocca sem dentes, que me dá o aspecto da morte, era outr'ora ornada por duas filas de eburnizados dentes; que em vez d'estes andrajos que em mim vedes, ricos vestidos me cingiam o corpo. E quereis saber a transformação que se operou em minha vida, por que sou assim desgraçada? Porque em um momento de loucura, abandonei os meus e me prostitui. Foi a prostituição a causa da minha desgraça, de todas as misérias que me acabrunham (SANTOS 1909, p.23).

O autor estabelece desta forma, uma ligação direta entre a prostituição e todas as outras doenças venéreas. Cita para tanto, os inúmeros casos de cólica metálica, moléstias do útero, especialmente a leucorreia habitual, o ingurgitamento e as inflamações catarrais da membrana mucosa da cavidade uterina que afetam as mulheres prostituídas. Na mesma linha de raciocínio, Santos procura ligar a prostituição com o adultério, afirmando para tanto que, as mulheres casadas, quando rejeitadas pelos seus maridos, que preferem as prostitutas, procuram 'vingar-se' dos mesmos rebaixando a sua dignidade e maculando o seu pudor, daí se ligarem irremediavelmente à prostituição. Também afirma que a prostituição dá lugar a outra espécie de adultério, quando há esterilidade do homem, afinal, na opinião do autor "[...] toda mulher deseja ser mãe [...]" (SANTOS, 1909, p.26).

Nas palavras iniciais do Subtópico II, *Capítulo II – Consequências da existência da prostituição e estudo crítico da regulamentação*, Santos posiciona-se contrariamente a alguns outros médicos higienistas que consideram a prostituição indispensável e necessária. Alega, por isto mesmo, que não tem interesse em realizar o comentário desta opinião por não julgá-la digna de apreciação. Paradoxalmente, no entanto, classifica os higienistas que defendem o ponto de vista contrário ao seu como depravados, celibatários e inimigos da moral.

Recorrendo a tese do Professor Auguste Henri Forel (1848 – 1931) que estudou o apetite sexual do povo suíço na obra *Analysis of the Bayan and its contents: fundamental beliefs and worldview, moral principles, laws, administration of society, and future expectations* (1920), o autor coloca-se contrariamente à defesa do onanismo⁴, porque crê que o homem pode muito bem conservar-se casto até o casamento, uma ligação lícita e socialmente reconhecida. Para reforçar o seu ponto de vista, cita como exemplo de cientistas que coadunam com as suas opiniões os Doutores Richard Von Krafft-Ebing (1840 – 1902) e William Acton (1813 – 1875) que defendem ser a abstinência um problema e apela:

Si desde criança (do mesmo modo que nos incutem no espírito cousas sem importância) nos ensinassem, nos fazendo bem comprehender o que é o instincto sexual e quaes os seus fins; si nos atemorizassem os funestos resultados da prostituição e do onanismo; e si finalmente não se considerasse a castidade do homem como uma recommendação má para ele, como actualmente se faz, fácil ser-nos-hia supportar a castidade, sem que para isto fossem precisos esforços sobrenaturais (p.30).

⁴ Mesmo que masturbação.

Encaminhando as considerações finais deste subtópico, Santos trata com ironia a tese que homens e mulheres devem ter direitos iguais em termos sexuais e recomenda também, de forma jocosa a criação de prostíbulo aonde mulheres que reivindicam direitos idênticos possam satisfazer as suas necessidades sexuais.

Já no subtópico III, do *Capítulo II – Consequências da existência da prostituição e estudo crítico da regulamentação*, Santos se atém a problematizar o que deve ser feito para resolver o problema da prostituição. Para tanto, questiona-se: “[...] deve-se abandoná-la ou reconhecê-la como instituição lícita e regulamentá-la? [...]” (SANTOS, 1909, p.30).

No que tange ao abandono da prostituição, o autor afirma que se assim procedesse, a sociedade estaria cometendo um crime. Também não se mostra favorável ao seu abandono porque alega que as pessoas têm o direito de não serem submetidas a cenas públicas, impudicas e atentatórias à dissolução dos costumes. Já do que se refere ao reconhecimento desta atividade, também, posiciona-se contrariamente a medida, por acreditar que a regulamentação desta não extingue a imoralidade e atenta contra o princípio da liberdade individual. Roga, outrossim, que em vez de pensarem nas penas que possam se abater sobre a prostituição, pense-se nas formas de combater as suas causas.

Citando o exemplo mal sucedido de países como a França, Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Noruega e Suíça aonde a prostituição é regulamentada, Santos apela à estatística para comprovar que naquele país a atividade prostitucional ainda grassa. Também recorre a higienistas famosos como Maurice Quantin que consideram, tal como ele, a regulamentação da prostituição “[...] inútil sob o ponto de vista da saúde pública e immoral porque é contra a lei moral que rege as nossas acções [...]” (SANTOS, 1909, p.35).

No *Capítulo III – Medidas que se devem tomar contra a prostituição*, último capítulo da these doutoral de Santos ele alega serem inúteis os meios até então empregados para refrear a prostituição. Evidenciando as suas alegações com exemplos, ele cita Carlos Magno (742 d.C. - 814 d.C.) que, na tentativa de exterminar a prostituição, mandou que todas as prostitutas fossem queimadas vivas; o rei Roger, de Nápoles, que condenava a terem o nariz cortado todas as mães que vendiam a virgindade das filhas e Guilherme, também rei de Nápoles, que editou a pena de morte contra todo indivíduo que violasse ou raptasse uma rapariga qualquer e depois a abandonasse. Medidas que redundaram em insucesso, por se constituírem em decisões incompletas e ineficazes.

Dando prosseguimento as suas análises, o autor argumenta que, para combater a prostituição é necessário que se obtenham reformas sociais, dirigidas pelos governantes, a quem se deve creditar a responsabilidade por pensar os interesses da coletividade. Sob essa perspectiva, organiza um rol de decisões que se não promoverem a extinção desta atividade, ao menos servirão para refreá-la. Quais sejam: desregulamentação da atividade prostitucional, a fim de que se possa combater a prostituição enquanto crime; Educação para todas as mulheres, a fim de que se possa transforma-la em “[...] elemento mais aproveitável e útil à sociedade [...]” (SANTOS, 1909, p.41); Remuneração mais digna da mulher operária a fim de que se possa desenvolver o mais possível as atividades compatíveis com o sexo feminino; Promover e estimular o casamento; Realizar trabalho de conscientização acerca dos males que afetam a saúde a partir da promoção de conferências públicas, artigos de jornais, que instruem as pessoas sobre os males causados pela sífilis e demais doenças venéreas; Se ocupar mais da educação pública, entregando-a a pessoas competentes e de idoneidade moral reconhecida; Amparar as crianças que nascem nos bordéis, afastando-as destes ambientes; Criar asilos de educação para as prostitutas desvalidas, a fim de afasta-las dos vícios e das más companhias; E, finalmente, adotar quantos meios possam desviar a mulher da prostituição a fim de restituir-lhe a dignidade pessoal.

DA INCONVENIÊNCIA DA LIBERDADE ILLIMITADA NO EXERCÍCIO DA PROSTITUIÇÃO (1912)

A these doutoral intitulada *Da inconveniência da liberdade illimitada no exercício da prostituição*, de autoria de Antônio Joaquim de Sampaio, foi defendida em 31 de outubro de 1912 na até então chamada Faculdade de Medicina da Bahia. Possui capa; contracapa; apresentação dos professores ordinários, suas respectivas cadeiras, lista de professores extraordinários efetivos e em disponibilidade; contracapa; cinquenta e cinco páginas numeradas de texto, divididas em quatro capítulos, intitulados: *Capítulo I – A prostituição, seu histórico e suas espécies*; *Capítulo II – A prostituição e suas causas*, cujos subtópicos são *A degeneração*; *Os padres e os frades*; *A miséria e a*

pobreza; A dança; O ciúme, o luxo e a preguiça; Capítulo III – Da nociva influência da prostituição, especialmente da livre sobre a saúde pública; Capítulo IV – Apelo aos poderes públicos contra a plena liberdade de transmissão das moléstias venéreas pela prostituição, além de um apêndice que contém as chamadas Proposições de Tese, três para cada uma das cadeiras do curso de ciências médico-cirúrgicas. Quais sejam: Anatomia Descritiva; Anatomia Médico Cirúrgica; Histologia; Bacteriologia; Anatomia e Physiologia Pathológica; Physiologia; Therapeutica; Medicina Legal e Toxicologia; Hygiene; Pathologia Cirúrgica; Operações e Aparelhos; Clínica Cirúrgica (1ª e 2ª Cadeiras); Clínica Propedêutica; Clínica Médica (1ª e 2ª Cadeiras); História Natural Médica; Matéria Médica, Pharmacológica e Arte de Formular; Clínica Ophtalmológica; Clínica Dermatológica e Syphiligráfica; Clínica Psychiátrica e de Moléstias Nervosas e erratas.

No capítulo I, *A prostituição, seu histórico e suas espécies*, Sampaio introduz o seu texto situando a prostituição como uma tragédia de todos os tempos e sobre este aspecto, define-a enquanto “[...] tráfico obscuro do corpo humano...que tem origem na mais remota antiguidade, pertencendo a todos os tempos, a todos os povos onde tem sempre revestido as mais estranhas e variadas formas [...]” (SAMPAIO, 1912, p.3). E conquanto reconheça que não possa ser extinta, o médico faz a defesa da necessidade de sua regulamentação, em um primeiro momento dividindo-a em prostituição em masculina e feminina.

Sobre a prostituição masculina, o autor flagrantemente associa-a com a homossexualidade, classificado-a enquanto espécie de perversão sexual que atinge um homem que um dia foi ‘normal’. Neste ponto do texto, cita o escândalo que o soprista alemão Ulrich provocou ao reivindicar do parlamento do seu país uma lei que autorizasse o casamento entre indivíduos do mesmo sexo, isto no início do século XX. De acordo com o que acredita, a prostituição masculina tem origem nas grandes capitais, sendo os homossexuais masculinos definidos enquanto, pessoas que:

Querem muito cedo se parecerem com raparigas, teem logo necessidade de submeterem-se passivamente, se exaltam e se enthusiasmam pelos romances e pelas *toilettes*, procuram fazer trabalhos femininos. Consideram-nas como amigas, começam a imitar os seus gestos, são de um sentimentalismo banal e amam loucamente o luxo. Raspam os bigodes e todos os cabellos do corpo, procuram sempre vestes que ponham em relevo as curvas de suas nádegas e finalmente, se apaixonam por indivíduos do mesmo sexo (SAMPAIO, 1912, p.5).

Evidenciando ainda mais uma postura teórica que se embasa na associação primária entre homossexualidade e prostituição/marginalização, o autor alega que nos homossexuais, precocemente manifesta-se a falta de propensão para o trabalho, daí a prostituição surgir como um meio de vida para este grupo de pessoas.

No que tange a prostituição feminina, o autor situa-a também enquanto fenômeno inato do gênero feminino, que tem origem “[...] desde os primeiros tempos da infância dos povos, anterior a toda religião e a toda lei civil [...]” (SAMPAIO, 1812, p.5). Sob este ponto de vista, divide-a em prostituição hospitalar, prostituição sagrada e a prostituição comum ou civil.

Esforçando-se para apresentar a história da prostituição, Sampaio diz que essa prática se origina a partir do momento em que a sociedade civil se organiza, e no sentido de fornecer sustentáculo a essa argumentação, põe em relevo o papel das migrações, que tornaram patentes a necessidade de fortalecer os laços de hospitalidade entre autóctones e estrangeiros. Sentimento de hospitalidade este que levado ao extremo, fez com que os “[...] maridos cedessem boamente o seu leito e a sua companheira [...]” (SAMPAIO, 1912, p.6) para os que vêm de fora. Era o chamavam da prostituição hospitalar, praticada, principalmente, em países como Índia, Grécia, Egito e Taiti.

Segundo o autor, ao lado da prostituição hospitalar surge à “prostituição sagrada”, espécie de exercício a que se entregam os homens ignorantes e de credulidade ingênua, que cultuam deuses pagãos e totêmicos que exigem sacrifícios como caça, pesca, artesanatos e a virgindade da mulher como oferenda. Também, destaca-se enquanto objeto da crítica negativa do autor, os cultos religiosos politeístas e totêmicos que tomam como objeto de adoração os elementos da natureza, tais como, as plantas e os animais. Numa clara demonstração de intolerância religiosa, inclusive, Sampaio realiza uma extensa descrição das festividades realizadas em homenagem a deusa Ísis, no Egito e as festas de Flora, célebre prostituta romana, mãe adotiva de Rômulo e Reno, fundadores da cidade, segundo a mitologia. Apresenta as festas gregas de adoração a Baco, que ocorriam

acompanhadas de verdadeiras orgias sexuais.

Alega também, a ocorrência de transformações na prostituição sagrada como decorrência do aprisionamento, resultado das guerras. Outrossim, o poder ilimitado dos senhores de escravos fez com que estes tivessem a impressão de poder saciar os seus desejos de sexo com as mulheres aprisionadas, de tal maneira que “[...] logo os sacerdotes imaginaram poder tirar proveito das infelizes que haviam perdido a sua liberdade [...]” (SAMPAIO, 1912, p.10).

Sampaio também cita as contribuições de Lombroso para quem, após a prostituição sagrada, vem à “prostituição civil”, uma espécie de prostituição que da religião passa aos costumes e até a lei. Como exemplo de combatente deste tipo de exercício prostitucional cita Moisés, da Bíblia Sagrada, que não admitindo a prostituição sagrada, recomenda a migração das prostitutas para fora do recinto da cidade dos hebreus. Na contramão dos elogios lançados para Moisés, porém, Sampaio critica o Rei Salomão e Solon, governante da cidade de Atenas, por deixá-las exercerem a sua profissão no coração da cidade e por erguerem templos e estátuas de deuses Amonitas.

Apresenta, também, as subdivisões das formas de prostituição praticadas em Roma. Quais sejam: a *alicariæ* ou padeiras, que eram mulheres que andavam pelas esquinas a espera dos fregueses à porta das padarias; as *bliteæ*, que se constituem em um grupo de mulheres de camadas sociais mais baixas, mais velhas e que não serviam mais para o ofício; as *bustuariæ* ou sepulcrais, prostitutas dos cemitérios que serviam especialmente aos coveiros e guardas; as *famosæ*, ou famosas, cortesãs de primeira ordem, e, finalmente, as *lupæ*, lobas ou vagabundas dos bosques.

Ainda realizando o esforço de historiar e explicar pois, como o exercício prostitucional se perpetua no tempo, o autor discute a prostituição na Idade Média. Para isto, lembra que tal exercício era realizado pelo abade, pelo bispo e pelo senhor feudal, que mantinham nos seus castelos, às expensas de seus vassallos, uma espécie de serrallo aonde as prostitutas exerciam livremente o seu ofício.

Evidentemente esta ordenação não durou muito tempo, pois que, houve o reconhecimento de que a prostituição se constituía em um ‘mal necessário’. Tão necessário que ela resiste e chega a Idade Moderna, com as prostitutas gozando de prestígio, inclusive, dentro das côrtes reais. Sampaio, neste sentido, cita os exemplos das côrtes de Francisco I (1494 – 1547) e Henrique II (1519 – 1559) da França. Já na Itália, não se isenta de citar o exemplo do clã dos Bórgias e dos Médicis responsáveis, segundo ele, por coadunar este exercício com a política.

Analisando a sociedade de seu tempo, século XX, Sampaio diz que “[...] encontramos a prostituição commum em quase todos os países, onde se divide em livre ou clandestina, aos olhos dos poderes públicos e regulamentada [...]” (SAMPAIO, 1912, p.18). Recomenda por conta disto, que a atividade prostitucional seja regulamentada e que seja realizada a inscrição destas profissionais na polícia, voluntária ou forçosamente.

No *Capítulo II – A prostituição e suas causas*, Sampaio credita a degeneração aos padres e aos frades; a miséria e a pobreza; a dança e ao ciúme, ao luxo e a preguiça a responsabilidade de estimularem a prostituição e sobre este aspecto, cria subtítulos que evocam explicações individuais sobre cada um destes pontos.

No *Subtítulo – A degeneração*, com não rende mais que uma página, recorrendo a Lombroso, o autor afirma que “[...] todas as prostitutas inatas são degeneradas [...]” (SAMPAIO, 1912, p.19), pelo desprovimento dos sentimentos de maternidade, de família, de pudor e pela inapetência para o trabalho.

No *Subtítulo – Os padres e os frades*, Sampaio critica o celibato e a pederastia, que lhes parece comuns nos conventos. Citando o exemplo de alguns padres, destaca o caso do imoralismo do Pe. Parlatti, que trazia consigo da Europa “[...] um carregamento de perfumarias e camisas de vênus [...]” (SAMPAIO, 1912, p.22) e o caso do vigário da cidade de Lages, interior da Bahia, que segundo denúncia da Revista *Malho* manteve relacionamentos amorosos com cerca de 11 mulheres sendo, pois, obrigado a casar-se com uma delas após a denúncia pública dos fatos, que provocou também o deferimento do seu processo de excomunhão da Igreja Católica.

No *Subtítulo – A miséria e a pobreza*, também são citados enquanto elementos que estimulam a prostituição. Em regra, o autor investe na naturalização das condições de miséria e a pobreza, chegando a fazer a afirmação que “[...] desgraçados, os filhos das prostitutas são desde antes do nascimento [...]” (SAMPAIO, 1912, p.24). Admitindo excepcionalmente, todavia, que alguns dos filho(a)s destas prostitutas nasçam “sãos”, Sampaio se mostra céptico quanto ao futuro dos mesmos, porque acredita que as condições de promiscuidade nos curtos espaços em que vivem não podem

nutrir convenientemente estes filhos.

Começa a filha do proletário, em tenra idade, devido principalmente a confusão de vida que acima fallamos, a observar directamente em uma noite de insomnia, os seus progenitores se entregando à copula. Amanhã, de certo procurará a rua, onde respira melhor, onde tem mais liberdade e onde se reúne a outras crianças, muitas vezes, de maus costumes. A recordação d'aquella noite persiste, o instincto imitativo excita-a e não tarda que ella com seus companheiros de brinquedos, algumas vezes, instruidissimos nas coisas mais grosseiras e sórdidas, se entregue as práticas, as mais immoraes. Na puberdade ou precocemente essa pobrezinha começa a ver a insolência das mulheres acompanhadas de seus amantes. E logo impressionada pelo luxo e pela cobiça, ouve conversas obscenas e não tendo mesmo idéia alguma sobre o valor da sua virgindade, acha natural, se entregando ao primeiro vindo (SAMPAIO, 1912, p.25).

Justificando-se pelo ataque a classe proletária, o autor culpabiliza o fato dos pais levarem seus filhos e filhas para o trabalho as fábricas como razão primordial para que sofram o assédio. O resultado disto é, segundo o autor que “[...] nas fábricas, 50%, ou menos disto, não se encontram raparigas virgens [...]” (SAMPAIO, 1912, p.27).

No subtítulo *A dança*, o médico discute o papel da dança no estímulo ao desejo sexual. Fala-se especialmente da valsa e descreve-se em detalhes os trejeitos corporais que pretensamente estimulam o apetite sexual. Diz-se o seguinte sobre a dança:

As sensações voluptuosas, votadas para despertarem no acto da cópula vão encontrar no calor de uma valsa, no roçar de coxas, no attricto dos seios, no approximamento da face, incentivo poderosos para o seu desenvolvimento muitas vezes, precoce...As extremidades dos seios constituem, entre ellas, zonas eróticas. Sua fricção excita a volúpia. A flexibilidade ordinária do corpo da mulher, o bamboleo voluptuoso, a pressão de corpo contra corpo, tudo isto ainda mais desenvolve-lhe o appetite sexual [...] (SAMPAIO, 1912, p.27).

Acessórios também são listados, neste sentido, como instigações ao sexo e a prostituição: “[...] o álcool, o perfume do ambiente e as declarações de amor, feitas ao pé dos ouvidos femininos, tudo isto concorre para estimular ainda mais o apetite sexual [...]” (SAMPAIO, 1912, p.28).

Nas palavras finais deste texto, entre indignado e revoltado, Sampaio fala do sucesso do maxixe nos bailes da “fina elite” do Rio de Janeiro e destaca “[...] eis ahi o início da estrada do erro para o caminho fatal da prostituição [...]” (SAMPAIO, 1912, p.29).

No subtítulo final do *Capítulo II*, intitulado *O ciúme, o luxo e a preguiça*, em regra associam-se estes sentimentos como elementos que concorrem para a prostituição. O ciúme, estando ligado irremediavelmente a alma feminina, concorre para o sentimento de vingança. O luxo é o terror das mais fracas que “[...] para se vingarem dos maridos que tem amantes, entregam-se por sua vez aos amores occultos [...]” (SAMPAIO, 1912, p.29). E finalmente, a preguiça é tomada como um perigo que “[...] atíça as fibras da luxúria [...]” (SAMPAIO, 1912, p.29).

No *Capítulo III – Da nociva influência da prostituição, especialmente livre, sobre a saúde pública*, Sampaio realiza descrições das doenças venéreas, concluindo acerca da nocividade da prostituição como meio principal de propagação das mesmas. Excetuando-se o cancro mole, ulteração simples causada pelo bacilo de Ducrey, o médico procura evidenciar que as moléstias venéreas, tais como, a sífilis e blenorragia são os males que tornam peremptória e indescrevível a ação deletéria da prostituição.

Investindo prioritariamente na sífilis, o autor expõe os danos individuais que afligem os doentes, a família, e, por fim, discute as consequências “hereditárias” da mortalidade que essa doença causa nas crianças. Também estabelece uma espécie de divisão dos estágios da doença, separando-as em dois grupos: a sífilis benigna ou relativamente benignas, superficiais ou passageiras que não constituem em perigos sérios, por não ameaçarem a integridade de nenhum órgão; e a sífilis maligna ou terciária, que compromete seriamente os tecidos, desorganizando-os, esclerosando-os e no último estágio destruindo-os.

Dando continuidade as suas análises do tipo terciário ou maligno da sífilis, Sampaio apresenta como condição mais ou menos comum do agravamento da doença fatores como idade, constituição, temperamento, saúde anterior, predisposições hereditárias ou adquiridas, formas mórbidas e

intervenções ou não intervenções no tratamento. Citando como exemplo esta última condição de agravamento da sífilis, o autor ainda faz a apologia do tratamento metódico e prolongado da doença para salvaguardar a saúde do paciente. Sem este tratamento, pois, impõe-se comprometimentos em órgãos e sistemas importantes, tais como, o sistema nervoso, ósseo, vascular, testículo, língua, veio-palatino e ouvido.

Sampaio também discute a contaminação da família, cuja principal consequência “[...] é naturalmente a contaminação da mulher, pelo marido [...]” (SAMPAIO, 1912, p.37), daí resultando que a mulher torna-se exposta a todos os tipos de danos individuais causados pela doença, danos estes idênticos aos do seu marido. Também resulta deste tipo de contaminação que os filhos nascidos da cópula infectada herdarão os mesmos danos individuais dos seus pais.

Associando a discussão da prostituição à sífilis, Sampaio critica ainda a ausência de uma política de saúde pública que enfrente esta doença. Sob este ponto de vista, aliás, argumenta que a sífilis se alastra aonde a prostituição livre não é combatida, provocando danos irremediáveis nas famílias. Lembra, para tanto que “[...] apesar de termos prescrições civis, as quaes determinam o exame médico antes da contracção do matrimônio, nada se observa [...]” (SAMPAIO, 1912, p.39). Nas famílias, pois, segundo as impressões moralistas do autor, a sífilis provoca “[...] as consequências deploráveis das desuniões, do desbaratamento da família e em alguns países a dissolução legal do casamento [...]” (SAMPAIO, 1912, p.39).

Finalmente, ele discute as consequências hereditárias da sífilis em crianças e notadamente, a mortalidade que essa doença provoca quando não tratada adequadamente. Diz o Dr.^o Fournier que “[...] ela mata os jovens por hecatombe [...]” (1855 apud SAMPAIO, 1912, p.43) e em diversas idades: desde os primeiros meses de concepção, até a gravidez mais avançada. Provoca também o parto prematuro ou quando ocorre o nascimento, logo nas primeiras semanas de vida, a criança corre o risco de falecer. Os índices de mortalidade de adolescentes também são significativos.

Sobre a blenorragia no homem, diz-se que pode adquirir um caráter grave quando o agente contaminador da doença, o genococo, invade a próstata, a bexiga os testículos, podendo ganhar até as articulações, atingir o coração e a medula. Já entre as mulheres, a inflamação produzida pelo microorganismo é menos dolorosa, provocando as vulvites ou vaginites, também, conhecidas como corrimentos.

No *Capítulo IV – Apello aos poderes públicos contra a plena liberdade de transmissão das moléstias venéreas pela prostituição*, o autor inicia o seu texto demonstrando ceticismo no que diz respeito ao desaparecimento da prostituição. Ainda assim, apela para que seja realizado o controle do que classifica como “liberdade ilimitada” desta prática. Suas palavras são: “[...] em nome dos altos interesses sociais que se ligam à saúde pública e em satisfação aos preceitos de hygiene, regulamentem-se a prostituição [...]” (SAMPAIO, 1912, p.49).

Neste ponto, cita o exemplo da Inglaterra, aonde a regulamentação da prática prostitucional faz parte do regime social. Na Inglaterra, aliás, segundo o autor, a liberdade da prática prostitucional é excessiva “[...] em virtude do exagero na concepção de liberdade individual [...]” (SAMPAIO, 1912, p.50). Diz-se que há exagero porque:

Entendemos que a liberdade individual deve cessar desde o instante que ella se torna um mal positivo e inequívoco para a sociedade. A indústria ignóbil da prostituição não podendo ser eliminada, precisa de um freio salutar, o qual não pode consistir na regulamentação e na fiscalização da mesma (SAMPAIO, 1912, p.50).

Segundo a concepção do autor, o controle da atividade prostitucional só não dá bons resultados quando não é cumprida em regra, ou quando há desleixo ou incompetência da parte do pessoal encarregado de sua execução. A França, a Dinamarca e a República da Argentina, sob este ponto de vista, são citadas como exemplo de países aonde a regulamentação desta atividade está sobre controle. Já sobre a Itália, diz que naquele país, a despeito da atividade prostitucional ter sido abolida por um tempo, o Ministério de Nicotero reconheceu a necessidade de restabelecê-la, conquanto, o Governo não tenha se comprometido com a sua regulamentação. Na Bélgica e Holanda, ocorre da mesma forma, isto é, apesar da atividade ser controlada, existe pouca fiscalização.

Acerca das bases da regulamentação que se executa na França, Sampaio diz que o serviço de controle e fiscalização é entregue a polícia; que as prostitutas recebem instruções concernentes a como se comportar diante dos clientes; realizam inscrições voluntárias de registro especial do nome, naturalidade e profissão anterior, conquanto, “[...] passe a ser obrigatório o registro das profissionais

que realizem escândalos em vias públicas ou que se encontrem doentes pela segunda vez [...]” (SAMPAIO, 1912, p.51). O exame médico é realizado na prefeitura de polícia para as prostitutas isoladas, bem como, são realizados exames em domicílio para as residentes em casas de tolerância. Enfim, processa-se a hospitalização obrigatória, também, para as infectadas.

Na Dinamarca, além da regulamentação policial, concernente as prostitutas, há a regulamentação sanitária, sem distinção de sexo, classe ou profissão, se estendendo não somente as moléstias venéreas mais indistintamente a todas as moléstias contagiosas. Na Rússia, as prostitutas regulamentadas não podem exercer o seu ofício durante o período menstrual. Na Bulgária e na Bósnia devem deixar a disposição dos frequentadores dos bordéis uma caderneta aonde apareça a anotação de quando foi realizado o último exame sanitário.

Citando o proeminente médico baiano, Luiz Anselmo da Fonseca (1842 – 1929), o autor encaminha as considerações finais de sua tese defendendo a necessidade de regulamentação do exercício prostitucional, além de realizar apelos para que os poderes públicos desempenhem a fiscalização das doenças venéreas e sob este aspecto, sugerem que seja fundada na cidade do Salvador um estabelecimento *ad hoc* ao “[...] qual poder-se-hia denominar, por exemplo como *Instituto de Prophylaxia Moral e Sanitária* [...]” (SAMPAIO, 1912, p.53), aonde ficaria estabelecido que a polícia realizaria a fiscalização sanitária e moral “[...] não consentindo que as prostitutas dessem escândalos nas ruas, nas janellas nem se trajassem indecentemente, podendo recorrer a polícia commum no caso de persistirem as suas deshonestidades [...]” (SAMPAIO, 1912, p.53). Tal repartição ainda seria dividida em 3 sessões. A saber: o serviço especial de registro, coordenado por um médico e assistido por um escrivão; o serviço de ambulatório e a terceira sessão seria a de educação, instrução sanitária e profilaxia anti-venérea, composta por um museu venereográfico, no qual se encontrariam representadas todas as formas e lesões exteriores das moléstias venéreas.

Sugere-se também que a polícia tenha ingresso irrestrito as casas das prostitutas, para que os policiais possam:

1º – Insinuar-lhes as vantagens da regulamentação e fazê-las compreender que seria de sua própria conveniência se inscreverem, se fizerem examinar semanalmente, e, isto não somente porque aprenderiam a se defender dos contágios venéreos como porque se fariam objeto de preferência relativamente as suas companheiras de classe, não inscritas nem fiscalizadas;

2º – Verificar se alguma das moradoras exercendo a atividade prostitucional apresentaria sintomas que a fizessem suspeita de sífilis ou outras moléstias venéreas, caso em que as convidaria a esperar a visita de um dos médicos do instituto, o qual se certificando de tal suspeita, promoveria a hospitalização forçada da paciente, salvo se ela estivesse em condições de tratar-se adequadamente e as suas custas, no próprio domicílio.

AS THESES DOUTORAIS DA FAMEB: ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise categorial das palavras, desde ao estabelecimento das categorias iniciais até as categorias intermediárias, por maior frequência no texto das theses doutorais, permitiu o ordenamento do conteúdo, evidenciando de forma sistemática a construção progressiva das categorias de análise que emergiram através da coleta de dados. Assim, foram identificadas cinco categorias iniciais, a saber: regulamentação, moral, desenvolvimento, educação e sociedade que dialogam com conceitos norteadores, também geradores das categorias intermediárias.

A categoria *Regulamentação* (categoria inicial) foi a que mais apresentou recorrência no texto das theses doutorais. Ela foi citada vinte e quatro vezes nos três trabalhos e em termos de perfilamento epistemológico, aventa-se tal palavra esteja mais explicitamente vinculada há todas as grandes metateorias que dominaram o pensamento médico na 'cidade de Salvador de meados do século XIX, até o início do século XX. A saber: o positivismo, o evolucionismo o determinismo geográfico. Também sugerimos que, esse perfilamento se explique em vista da influência do pensamento positivo *cientificista* na FAMEB, que foi assimilado como fundamento nevrálgico para promover uma 'nova' concepção de mundo: o mundo *científico* moderno, civilizado, progressista.

É a partir da ideia de que seria necessário regulamentar toda a sociedade soteropolitana que os médicos erguem um conjunto de argumentações intermediárias (quatorze categorias intermediárias) sobre a inexorabilidade do progresso, fenômeno esse, que só se realizará, se a *sciência* for capaz de impedir os “[...] efeitos nocivos da degeneração [...]” (SAMPAIO, 1899, p.4). A civilização do meio (social), nessa perspectiva, aparece na crença dos médicos, como a única forma promover a

organização social e proclamar as benesses trazidas pelo higienismo, a tese assepsista mais forte dentre todas as outras que vigiram na FAMEB.

A categoria *Moral* (categoria inicial) foi a segunda palavra mais recorrente no texto das theses doutorais. Ela foi citada vinte e uma vezes nos três trabalhos.

A fim de superar, pois, o problema do egoísmo, e forjar a criação de um ser humano envolvido nos processos supraindividuais, se impunha a necessidade de mudança de costumes, vez que, o positivismo considera nevrálgico plantar nos indivíduos sentimentos positivos em relação a filantropia e a generosidade, que abririam caminhos para o altruísmo e que, por sua vez, conduziria a sociedade na direção de uma plena manifestação racional.

A família, é nessa senda, considerada como “seio da sociedade” e alçada a condição de mola propulsora do disciplinamento moral (social), que conduzirá ao processo civilizatório. A partir de sua inferência na sociedade, ensinava-se propugnar o fim da devassidão – assimilada enquanto um conceito paralelo aos hábitos incivis –, que toma o que é imoral, incivil, por princípio.

A “cura da imoralidade”, isto é, dos hábitos incivis nas theses doutorais, é pois, invocada com frequência pelos médicos, vez que, associada com a moralidade, se imagina que ela conduzirá ao processo de regeneração social. É nessa sociedade profundamente estratificada que emerge um sujeito marcado por uma posição social que se define a partir do *élan* positivo, uma forma de “[...] especulação mental desinteressada...de vocação francesa e inspirada predominantemente no intelectualismo [...]” (CARNEIRO LEÃO, 1949, p.208). Fora desse *élan*, tudo é censura, é discriminação. Fora desse *élan*, as theses denunciam a falta de decoro dos extratos mais baixos da sociedade, reincidente na prática dos maus costumes.

Conquanto a categoria *Desenvolvimento* (categoria inicial) tenha apresentado recorrência de somente quatorze citações no texto das theses doutorais – igual a palavra regulamentação – é ela que reúne a maior quantidade de categorias intermediárias (quinze) dentre todas as outras quatro categorias iniciais.

Em termos de perfilamento epistemológico, aventa-se tal palavra esteja vinculada há três das grandes metateorias (conceitos norteadores) que marcam o pensamento dos médicos da FAMEB, no decorrer de meados do século XIX e início do século XX.

Nas theses doutorais, percebe-se claramente o raciocínio antitético dos autores, pois que, quando os médicos tratam do tema do desenvolvimento, o fazem colocando em oposição ao debate da regenerescência, não só do “[...] problema da raça, mas da sociedade como um todo [...]” (SOARES, 1899, p.8). O que propõem nesse sentido, é pensar o futuro a partir de projeto assepsista amplo. Nesse futuro, a redenção de todos os males vem por meio do apego ao trabalho, consagrado pelos médicos, “[...] como o elixir mais poderoso contra os hábitos incivis [...]” (SOARES, 1899, p.10). É por meio do apelo ao trabalho que os médicos sugerem que seja feita a profilaxia da sociedade.

Tanto quanto o trabalho, a *ciência* também assume um caráter salvático nas theses doutorais, vez que, por meio desse estatuto – o *científico* – os médicos propugnam a marcha evolutiva irretornável ao progresso da sociedade soteropolitana. Destarte, nessas produções, os *ilustrados* – e dentro dessa estratificação, os médicos higienistas – são elevados ao patamar mais alto da escala social.

Nas theses doutorais, os médicos proclamam ainda, a importância de uma nova economia, aonde o arbítrio da livre iniciativa é exercido sem maiores constrangimentos, como acontecia no período anterior, sob a vigência do estatuto da verdade religiosa. O que os médicos pretendem, é oferecer meios para romper com o atraso, promovendo reformas sociais que extirpem do tecido urbano o “[...] o câncer [...]” (ALMEIDA, 1899, p.7) do frágil desenvolvimento. Daí que a Salvador de meados do século XIX e início do século XX, precisava refletir um meio limpo e asséptico, precisava refletir um desenho novo, aonde o tecido urbano representasse as novas condições essenciais da vida de seus habitantes, sendo por essa razão que médicos não deixam de repercutir, nas suas produções, a utopia de projetos, aonde a cidade aparecia totalmente controlada. E fazem isso, porque, mais do que modelos de reforma urbana, tratava-se da afirmação de uma nova ordem social.

A categoria *Educação* (categoria inicial) é citada quatorze vezes no texto das theses doutorais e quando ao seu perfilamento epistemológico, consideramos que essa palavra está mais estreitamente vinculada ao positivismo (conceito norteador), do que ao evolucionismo e determinismo geográfico (conceitos norteadores). No que tange ao ordenamento das categorias intermediárias, a ela ligadas, consideramos também, que nove outras palavras, apoiem a sua compreensão.

A primeira dessas palavras é adaptação. Nas theses doutorais, os médicos evocam ao processo de adaptação no intuito de afirmar os paradigmas novos – a modernidade, civilização, progresso e *sciência* – e, nessa senda, também afirmam o papel a ser desempenhado pelo homem civilizado, responsável, por colocar a sociedade dentro dos trilhos da modernização. É, portanto, no intuito de forjar uma nova mentalidade, uma nova consciência de mundo que, nas theses doutorais, os médicos da FMB falam dos beneplácitos do progresso, modelando um homem de elevado espírito público, cujos hábitos mais inatos são refreados por uma educação que se presta a formatar o *élan* civilizado. Nada nesse homem escapa a tal modelagem, e por essa razão, quando ele comparece nas theses doutorais, ora é criticado por manifestar resistência as modificações, ora ele é exaltado pelas razões contrárias. De todo modo, o que se propõe em relação ao seu papel, é que ele ajude a modelar o organismo social, que ele contribua na promoção do desenvolvimento moral, realizador da utopia do processo civilizatório.

Por fim, a categoria *Sociedade* (categoria inicial) é citada quatorze vezes no texto das theses doutorais. Diferentemente das outras quatro categorias iniciais, consideramos que essa é a única que reúne os três conceitos norteadores: o positivismo, o evolucionismo e o determinismo geográfico. No que tange ao ordenamento das categorias intermediárias, consideramos que a ela estejam ligadas oito outras palavras.

A ideia de sociedade está umbilicalmente ligada a ideia de evolução. A evolução é pois, um caminho a ser seguido para que as classes sociais, encontrem a liberdade, desviando do caminho da degradação. O que nas theses doutorais, os médicos procuram evitar, por meio do apelo contundente aos imperativos de planos rigorosos de organização e controle sociais, é o retorno ao mundo selvagem, entendido como mundo aonde prevalente o misticismo, a ideia que o *theos* – Deus – pode oferecer todas as respostas.

DESLIZES DA PRÁTICA MÉDICA E A CURA DE UMA SALVADOR DOENTE

A trajetória do *scientificismo* “a moda baiana” já foi suficientemente exposto na retórica memorialista. Em produções como o *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*, publicado pela Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), são trazidas várias indicações de livros, artigos, coleções de leis e notas do período imperial, além de três memórias históricas da FAMEB, escritas por Gonçalo Muniz Sodré de Aragão (1940), Alfredo de Brito (1904) e Antônio Pacífico Pereira (1923), todos eminentes doutores da academia baiana.

Nesses documentos, bem como nas theses doutorais acima descritas, evidencia-se “[...] um certo deslize [...]” (SCHWARCZ, 1988, p.189) programático e curricular, que parecia diferenciar o saber médico promovido na FAMEB da FAMERJ, ambas instituições criadas no mesmo ano (1808), e que deveriam seguir juntas em sua metodologia de abordagem das questões da saúde.

As sucessivas reformas do currículo do curso de medicina, a saber, 1ª reforma do ensino médico baiano (1815); a reforma de 1832; a reforma do Bom Retiro (1854); as reformas de 1879 – 1884; a reforma Benjamin Constant (1891); a reforma do código de 1901; e a reforma Rivadavia Corrêa (1911) fornecem “pistas” importantes sobre o distanciamento de propósitos formativos instrucionais, assumidos nessas academias pioneiras, no entanto, uma leitura a partir de tais mudanças, não parece ser suficiente para responder a questão: por que a FAMEB e a FAMERJ tomaram rumos tão diferenciados?.

Em que pese a iniciativa de D. Pedro II de prefigurar a imagem de um Brasil moderno e industrializado, nos estados como a Bahia e o Rio de Janeiro, o acesso a informação era muito diferenciado. O Rio de Janeiro, gozando da prerrogativa de ter um porto mais movimentado e que permitia o trânsito mais fácil da informação, das mercadorias, do capital e das pessoas.

Na Bahia era diferente! Por aqui a circulação da informação, das mercadorias, do capital e das pessoas era, de modo geral, mais difícil que no Rio de Janeiro, esse fato explicando um certo atraso técnico que se instalava na academia baiana quando ela é comparada com a instituição carioca.

Apesar disso, a avidez pelo conhecimento concorria nas duas instituições, forjando a necessidade de superação paradigmática dos princípios da formação médica. Enquanto do Rio de Janeiro os médicos buscavam a originalidade de seus estudos, valendo-se da busca pelas pesquisas que ensejavam a descoberta da cura das doenças tropicais, na Bahia os médicos da FAMEB se viram obrigados a adotar uma medicina eclética e difusa, menos preocupada com a cura da doença e mais preocupada em atacar o doente, daí recorrem a temas que, inclusive, escapam do tema da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As theses doutorais, em nossa impressão, reificam uma orientação ideológica que vem para justificar a necessidade de serem instituídos novos ideais sobre a civilização, o progresso e o desenvolvimento numa Salvador até antes da chegada da FAMEB, francamente colonial. Isso acontecendo porque, parecia haver um consenso, extraído da realidade concreta, que o estatuto da verdade secular da religião (católica) já não dava mais conta de responder as necessidades do capitalismo emergente. Aliás ressalte-se, tal estatuto, lastreado em ideias moralistas sobre a exploração do homem pelo homem, impunha limites nesse processo, limites esses que precisam ser superados (LE GOFF, 2014)

O que esse artigo põe em relevo por conta disso são, portanto, extrapolações, rupturas de limites da dimensão formativa dos médicos da FAMEB, que por suas ideias sobre regulamentação social, moral, desenvolvimento, sociedade e educação realizam a defesa contundente que, a cidade de Salvador precisava assumir outra cara, uma face que permitisse a sua civilização. Civilização referida aos hábitos, as pessoas, ao consumo e há todos os outros extratos da vida social.

E se hoje nos questionassem se o empenho dos médicos da FAMEB foi bem sucedido no intento da transformação, responderíamos afirmativamente, pois que, graças as ideias propaladas pelos *cientistas* da Academia baiana, a Salvador de meados do século XIX e início do século XX é exposta aos primeiros impulsos modernizadores, tornando-se uma cidade cindida em duas: uma dos ricos, das áreas nobres e outra dos pobres.

Thales de Azevedo (1969) a respeito das transformações ocorridas na cidade, lembra que da carroça puxada com tração animal, Salvador passa a ter bondes elétricos; da iluminação feita com óleo de baleia, obtido graças a caça a esse animal, realizada na Ilha de Vera Cruz, a Salvador do início do século XX passa a contar com iluminação elétrica; do núcleo matricial que resumia toda a cidade, a partir das ideias médicas, Salvador passa a contar com espaços construídos para dar abrigo aos endinheirados e outro aonde habita a pobreza. Todas essas transformações sinalizando que a “regeneração social” pretendida pelos médicos foi conquistada, precipitando alterações dramáticas não somente no tecido urbano, mas nos hábitos dos habitantes da cidade, convencidos que estavam que o progresso e a civilização seguiam uma trilha irretornável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTON, William. **The functions and disorders of the reproductive organs in childhood, youth, adult age and advanced life considered in their physiological, social and moral relations.** London, London: J. & A. Churchill, 1862.

AGASSIZ, Louis e Agassiz, Elizabeth Care. **Viagens ao Brasil (1865 – 1866).** São Paulo, Rio de Janeiro, Recife Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1938.

ALMEIDA, Theotônio Martins de. **Alguns traços da nossa população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista.** Salvador. Typographia Passos, 1899.

AZEVEDO, Thales de. **Povoamento da cidade do Salvador.** Salvador: 1969.

BERTHELEMY, Jean Jacques. **Voyage du jeune Anacharsis en Grèce.** 2 ed. Paris, New York Public Library, 1789.

BROCA, Paul. **Memoires d'Anthropologie.** Tome Premier. Paris, C. Reiwald et Cia Libraires-Editeurs, 1874.

CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire. **Notícia histórica sobre a Faculdade de Medicina da Bahia.** Salvador: Typographia Bahia Histórica, 1909.

COMTE, August. Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. **Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies.** 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

DALLEMAGNE, Claude. **American revolutionary war, french revolutionary wars, napoleonic wars, siegE of Toulon.** EUA, Betascript Pub, 1810.

DE QUADREFAGES, Jean Louis Armand. **Charles Darwin et ses précurseurs français. Étude sur Le transformisme.** Chomedey, Ville Laval, Québec, 1870.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL (1832-1930). **Escola de Cirurgia da Bahia.** Acesso: 03 de setembro de 2016. Online. Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escirba.htm#fontes>.

FOREL, Auguste. **Analysis of the Bayan and its contents: fundamental beliefs and worldview, moral principles, laws, administration of society, and future expectations.** Paris, Librairies de Paris, Firmin-Didot et Cia. Imprimeurs Editeurs, 1820.

GOBINEAU, Artur Joseph de. **Essai sur le races humaines.** Paris. Librairies de Paris, Firmin-Didot et Cia. Imprimeurs Editeurs, 1855.

HAECKEL, Ernest. **O monismo.** Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/monismo.pdf>. Acessado em: 22 de fev. 2014.

KRAFFT-EBING, Richard Von. **Psychopathia sexualis: 69 historias de casos.** São Paulo, Malditos heterodoxos, 1886.

LAMARCK, Jean Baptiste. **Philosophie zoologique.** Paris, Editora Flamarion-France, 1809.

LE GOFF, Jacques. **A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LEÃO, Antônio Carneiro. **Os deveres das novas gerações brasileiras.** Rio de Janeiro: Sociedade Editorial de Propaganda dos Países Americanos, 1923

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente.** São Paulo, Ícone Editora, 1876.

LYELL, Charles. **Principles of Geology.** USA, Penguin Books, 1930.

MONTESPERELLI, Paolo. **Sociología de la memoria.** Buenos Aires, Nueva Visión, 2004.

MOREL, Benedict Augustin. **Traité de dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés malades.** Paris/ London/New York, Librairie de L'Academie Imperiale de Medicine, 1857.

NINA RODRIGUES, Raimundo. **As coletividades anormais.** 76ª ed. Brasília. Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

_____. **Os africanos no Brasil.** São Paulo, 1ª Ed. Editora Madras, 1938.

POUCHET, Félix Archimede. **Hétérogénie ou Traité de La Génération Spontanée.** Paris, J. B. Baillière et Fils, 1859.

ROMERO, Silvio. **Realidade e ilusões do Brasil.** Parlamentarismo, Presidencialismo e outros ensaios. São Paulo: Vozes, 1979.

SAMPAIO, Antônio Joaquim de. **Da influência da liberdade illimitada na exercício da prostituição.** Salvador. Typographia Commercial, 1912.

SPENCER, Herbert. **On social evolution. Selected writings (Heritage of Sociology series).** Chicago/USA, University of Chicago Press, 1875.

POUCHET, Félix. **Hétérogénie ou traité de la génération spontanée.** Paris, J.B. Baillièere et fils, 1859.

RIBEIRO, Augusto Pessoa. **A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas: 1854-1924.** Salvador: EDUFBA, 1997

ROMERO, Sílvio. **Introdução a disciplina contra disciplina.** Rio de Janeiro. Cia das Letras, 1888.

SANTOS, Angelo de Lima Godinho. **Influência da prostituição sob a sociedade actual.** Salvador. Imprensa Econômica, 1909.

SCHWARCZ, Líliam Moritz. **O espetáculo das raças.** Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930). 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Gabriel de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587.** 3 ed, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938, págs. 27-107.

SOARES, Deodoro Alvares. **Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista**. Salvador: Typographia Passos / Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia, 1899.

SPENCER, Herbert. **Do progresso**: sua lei e sua causa. Trad. Eduardo Salgueiro. [online] eBook, 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/progresso.pdf>>. Acessado em 28 de fev. 2014.

TUROT, Henri. **Le prolétariat de l'amour**. Paris, Librairie Universelle, 1904.